

Pioneirismo da geografia da infância na República Federativa do Brasil
Pioneerism of childhood geography in the Federative Republic of Brazil

Douglas Vasconcelos Barbosa
Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE
Recife-Pernambuco-Brasil

Resumo

O texto a seguir é implicação de uma obra emergente e pioneira na República Federativa do Brasil sobre a temática da Geografia da Infância, encabeçada pelos autores Jader Janer Moreira Lopes e Tânia de Vasconcelos no ano de 2005. Assim, de formidável apreço e admiração acadêmica, a obra resenha é condizente com os Estudos da Infância que vem crescendo na contemporaneidade brasileira e também internacional, dada a acuidade de se pensar nas crianças e suas infâncias no palco da sociedade, sem relegá-las à objeto.

Palavras-chaves: Geografia da infância; Estudos da Infância; Territórios infantis.

Abstract

The following text is an implication of an emerging and pioneering work in the Federative Republic of Brazil on the subject of the Geography of Childhood, headed by the authors Jader Janer Moreira Lopes and Tânia de Vasconcelos in 2005. Thus, of formidable appreciation and academic admiration, the book review is consistent with the Childhood Studies that has been growing in Brazilian and international contemporaneity, given the accuracy of thinking about children and their childhoods on the society stage, without relegating them to the object.

Keywords: Childhood geography; Childhood Studies; Children's territories.

Introdução

Imagina-se que muitos de nós ao termos acesso instantâneo às informações, aguçamos o desejo de logo argumentar, seja convergindo ou não, com o que nos é colocado à disposição e altercação científica pelos díspares veículos de comunicação, especialmente, no nosso caso, por intermédio de livros, quando, sob uma engrenagem de formidável aparato para o ensino e aprendizagem hodiernos, somos chamados à uma boa e profícua leitura.

Nesse caminhar, é de se tomar como lugar de fala o campo da Educação e mais especificamente, de uma de suas múltiplas vertentes: a geografia. Deste modo, aduzimos descomedidamente na gênese desta, que estamos diante de um livro com um arcabouço admirável para ascender discussões de incursão das temáticas geográficas aos Estudos da Infância contemporâneos.

Destarte, *Geografia da infância: reflexões sobre uma área de pesquisa*, dos autores Jader Janer Moreira Lopes – docente do programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense e da Universidade Federal de Juiz de Fora – e Tânia de Vasconcellos – docente do programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense – tem o condão de prender o leitor, da sua gênese ao seu findar, com o que esparge a respeito da Geografia da Infância.

Proposições e pioneirismo da Obra resenhada

No que concerne às suas proposições, é salutar voltarmos nossos olhares, neste momento, ao que esse livro dissemina e contribui para o contexto acadêmico-científico, mormente para aqueles que ambicionam conhecer e apreciar conceitos geográficos, numa vertente da Geografia da Infância, que podem dialogar com as multífaces das pesquisas acadêmicas em Educação – quiçá também fora desta área – envolvendo crianças e suas miscigenadas infâncias brasileiras.

Na Apresentação dele, a então orientadora dos autores – Vera Maria Ramos de Vasconcellos – aduz que “trata-se, portanto, de um belo e raro trabalho a serviço da criança!” (2005, p. 10). É de se concordar e (re)afirmar o posicionamento desta primeira leitora da obra dos autores, pois as crianças precisam ser vistas como sujeitos e seres humanos que são; não importando a área do conhecimento a se almeje elas como “objeto” de tirocínio, é salutar trabalharmos ao serviço do que elas têm a nos dizer, e esta obra

científica, no campo da Geografia da Infância na República Federativa do Brasil, foi – e continua sendo – pioneira.

Aliás, tomando de assalto ainda nesse sentido de raridade e pioneirismo da obra em questão, apontada pela orientadora dos autores, o português Manuel Jacinto Sarmento filiado ao Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, em Portugal, importantíssimo Nome nos Estudos da Infância, prefaciando a obra, aduz que:

ao privilegiar o espaço físico-social (não é mais possível dicotomizar estes dois termos, sendo o hífen sinal de uma imbricação e não de uma disjunção) na abordagem da infância em si mesma, e ao adoptar como constructos expressões como território e territorialidade, espaço e lugar, os autores apresentam um significativo contributo para inteligibilidade do modo como o habitus se funde com o habitat e vice-versa, e como tudo isto se configura em trajectos de vida e processos de identificação infantil (LOPES; VASCONCELLOS, 2005, p. 10-11).

Outrossim, com os relatos de Vera Maria Ramos de Vasconcellos e Manuel Jacinto Sarmento, é de ter em mente o que essa benfazeja e audaciosa obra, no bom sentido, nos proporciona, vez que precisamos – diuturnamente – de fundamentações que dialoguem com o humanismo que uma criança necessita numa sociedade já tão marcada por sistemas opressores e que carecem ser reconhecidas em seus espaços. Assim, o entendimento dos autores é de que a obra contribua “com as discussões na área da infância e ampliá-las, buscando compreender as situações vividas por nossas crianças em seus espaços ocupados” (LOPES; VASCONCELLOS, 2005, p. 15). Nesse sentido, o português que prefacia a obra, aduz que:

a criança, cada criança, ocupa o lugar que os adultos prescrevem, que a sociedade lhes reserva e que a administração simbólica lhes indica, mas fá-lo sempre a partir desse lugar irredutível e distinto que é o da sua cultura, conjugada e construída continuamente na interação com os outros e com os adultos (LOPES; VASCONCELLOS, 2005, p. 12).

Esse pioneirismo da obra dos autores reverbera o que o português da Universidade do Minho aduz, tendo em vista que as crianças são as que ocupam lugares que não condizem com suas vivências, mas muitas das vezes destinados pelos adultos e pela sociedade às crianças. É cogente mudar isso e a obra nos dá conta dessa atenção admirável na vida das crianças e de suas geografias.

Qual(is) assunto(s) os autores nos apresentam nos capítulos?

No primeiro capítulo, os autores fazem um apanhado histórico das concepções iniciais da infância e das crianças, disseminando a questão de maneira lógica e centrada em

elementos que possamos compreender o período em que se faz o recorte perspectivado por ambos, visto que “a organização dos contos infantis passa a ser uma das linhas que tecidas com outras, ajudam a sistematizar, a partir do século XVII, o sentido moderno de infância” (LOPES; VASCONCELLOS, 2005, p. 19).

Os autores trazem fundamentos, para isso, dos pensamentos do historiador Ariès para essa questão e também no fato de que ao se analisar o sentido de infância construído no século aludido outrora, poderia se afirmar que essa ideia não é aplicável para todos “ou seja, a mesma noção de infância apresenta diferentes apropriações de acordo com os interesses de quem a utiliza, e a sua pretensa universalidade só existe quando necessária” (LOPES; VASCONCELLOS, 2005, p. 23). Ademais, transpassados esses fundamentos, os autores aduzem que:

As mudanças sociais, econômicas, religiosas, políticas ocorridas ao final do século XVII começam a criar o início da particularização da infância, que emerge junto com a organização da sociedade burguesa, pautada nos ideias do liberalismo e, com ela, a reestruturação do espaço destinado para as crianças (LOPES; VASCONCELLOS, 2005, p. 19-20).

Depois de toda alteração travada no primeiro capítulo, ao final dele, nos chama atenção como os autores tratam da demanda de sua obra. Visto que, segundo eles, “existe, portanto, uma estreita ligação entre a vivência da infância e o local onde ela será vivida” (LOPES; VASCONCELLOS, 2005, p. 29). E isso é fato, os autores têm razão nesta fundamentação!, tendo em conta que nem todas as crianças são crianças dos mesmos lugares e, ainda que assim as sejam, não importam nas mesmas infâncias e vivências, dada a pluralidade existente de culturas e lugares ocupados por crianças e adultos.

Os autores, para finalizar esse capítulo, ainda chegam a descrever em seus argumentos que as crianças, ao se apropriarem de espaços, acabam por modificá-los, assim como criar novos contextos de vivência nestes espaços, ou seja, “criam suas diferentes histórias em suas diferentes geografias. É nessa perspectiva que podemos falar em uma Geografia da Infância” (LOPES; VASCONCELLOS, 2005, p. 30). Assim, eles findam com o capítulo e já arranjam um chamado para o próximo: o segundo capítulo da obra.

Neste capítulo, os autores apresentam conceitos da área em destaque que é a Geografia da Infância, como espaço, lugar e território. No entanto, antes disso, aduzem qual foco estão dando à essa área. Para eles, o alicerce dessa área, cada vez mais emergente, é a “compreensão da infância em seus diferentes contextos, ou seja, como os arranjos sociais e

culturais produzem as infâncias em seus diferentes espaços e tempos e como as crianças se apropriam dessas dimensões” (LOPES; VASCONCELLOS, 2005, p. 31-32).

Seguindo a fundamentação deste capítulo, eles apresentam as concepções de um renomado geógrafo: Yi-Fu Tuan. Esse geógrafo contribui para os argumentos dos autores, na medida em que define e diferencia Espaço de Lugar. Assim, “espaço é mais abstrato que lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e dotamos de valor” (TUAN, 1980, p. 06 *apud* LOPES; VASCONCELLOS, 2005, p. 33). No texto desses autores, eles também trazem o conceito de *topofilia*, do já citado geógrafo Tuan. Esse termo significa o afeto que a pessoa tem por algum lugar ou ambiente físico.

Nesse sentido, os autores refletem que “toda criança nasce num certo momento histórico, num certo grupo cultural, num certo espaço, onde estabelece suas interações sociais e constrói sua identidade” (LOPES; VASCONCELLOS, 2005, p. 39). Por isso, ainda aduzem que “toda criança é criança de um local”. Nessa rota de discussão, sobre o local das crianças, eles apresentam o termo territorialidades infantis. Vejamos.

As crianças, ao apropriarem-se desses espaços e lugares, reconfiguram-nos, recontroem-nos e, além disso, apropriam-se de outros, criando suas territorialidades, seus territórios usados. A isso chamamos territorialidades de crianças, das geografias construídas pelas crianças (...) As territorialidades infantis são os diversos campos de embates produzidos nos diferentes grupos sociais, a dinâmica particular pela qual as diferentes instâncias envolvidas constroem a infância. É um campo de combate, de enfrentamento de forças onde adultos, crianças e instituições vão dando face nova ao território. Isso é pensar a infância pela Geografia da Infância (LOPES; VASCONCELLOS, 2005, p. 39-40).

Mas para pensar nesta área, os autores apresentam uma ferramenta metodológica que pode dialogar com as particulares das crianças e das infâncias nas diversas pesquisas que as envolvem: o “croquis territoriais”. Assim, no terceiro capítulo, segundo eles, “os croquis territoriais caracterizam-se por, após uma indagação do pesquisador para as crianças, ocorrer a produção de desenhos relativos aos espaços e à questão de investigação” (LOPES; VASCONCELLOS, 2005, p. 47). Essa ferramenta é usada para compreender as vivências das crianças, seu redesenho dos lugares que estão, seus territórios usados e outras demandas.

No quarto capítulo eles voltam a discorrer sobre o tema geral do livro e particularizam os territórios infantis na contemporaneidade e suscitam outras reflexões para tanto, ou seja, fatos que se “ligam no mundo contemporâneo e suas imbricações com a

geografia da infância” (LOPES; VASCONCELLOS, 2005, p. 55). Assim, os renomados docentes conectam suas fundamentações finais neste capítulo, ao sentido desses “territórios” destinados às infâncias no processo de globalização.

Os “shopping centers”, as grandes redes de *fast-food*, os parques pagos tornaram-se os lugares privilegiados das crianças que, no passado, foram deslocadas das ruas para dentro de casa e, agora, são deslocadas da casa para esses espaços privados, mediatizados pelo senso de segurança, encerrados na lógica do consumo, acessados através do capital (LOPES; VASCONCELLOS, 2005, p. 60).

Nesta rota de argumentos traçados pelos autores, é plausível afirmar a emergência de conhecermos as particularidades infantis, não como sinônimo de infantilidade, do sem fala, do sem ação, mas daqueles que são tão agentes sociais quanto quaisquer adultos habitantes do planeta terra e dos espaços que ocupam.

Por isso, torna-se cogente atentar para essas questões postas nos capítulos e que acabam por nos informar que as crianças não podem mais serem presas nesses “espaços globalizados” pela hegemonia do capital. Elas precisam ser ouvidas e participar das ações que lhes digam respeito; e a Geografia da Infância contribui para essa empreitada.

Argumentações finais

Destarte, à beira do arremate, não é descomedido aduzir pela recomendação da obra resenhada, não só pelo que está epigrafado outrora, mas também por contribuir para formação crítica e humana dos profissionais das diversas áreas do conhecimento, maiormente das ciências que se entrecruzam pelas suas incomensuráveis relevâncias aos Estudos da Infância, onde a Geografia da Infância se localiza.

Referência

LOPES, Jader Janer Moreira; VASCONCELLOS, Tânia de. **Geografia da infância: reflexões sobre uma área de pesquisa**. Juiz de Fora: FEME, 2005. 80p.

Sobre o autor

Douglas Vasconcelos Barbosa

Professor do Curso de Bacharelado em Direito da Associação de Ensino Superior Santa Terezinha – AESST/Pernambuco. Mestrando em Educação, Culturas e Identidades pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ). Membro do Grupo de Pesquisa Infância e Educação na Contemporaneidade: estudos interdisciplinares (GPIEDUC/FUNDAJ). Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-1182-529X>
E-mail: douglasvasconcelos@hotmail.com

Recebido em: 03/02/2020

Aceito para publicação em: 22/02/2020